

## A Filosofia Educacional de Agostinho da Silva num Contexto de Inovação Pedagógica

Luís Carlos Santos

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

### Introduzindo

A minha tese de mestrado foi desenvolvida na área científica das Ciências da Educação, vertente de Educação e Desenvolvimento, e centrou-se na investigação de Movimentos Pedagógicos Inovadores, sobretudo, os Movimentos da “Escola Nova “ ou “Educação Nova” e da Escola Moderna, e a sua importância para a construção da “pessoa”.

Quisemos, então, perceber como a escola e a revolução pedagógica, que se iniciou no princípio do século XX e não mais parou, vinham a participar nesse processo fundamental que é o da formação e desenvolvimento de cada um de nós.

Como a minha formação de base foi feita em Antropologia, ciência que tem por excelência a “observação participante” como método de investigação, foi, desde logo, a ela que recorri para ancorar a minha investigação.

Depois de termos definido o Movimento da Escola Moderna como o objeto de estudo do nosso trabalho empírico, seria, então, através da observação participante (ou método etnográfico) que iríamos recolher os dados essenciais que permitissem levar a bom termo a nossa investigação.

Quando se utiliza a expressão “observação participante”, de certa maneira estamos também a falar daquilo que se designa por “trabalho de campo”. Embora não sejam exatamente a mesma coisa, as duas expressões equivalem-se na sua definição. Da mesma forma, “trabalho de campo” encontra expressões equivalentes em “método de pesquisa de terreno”, ou “estudo de comunidade”, ou “estudo de caso”.

Mas então, dizíamos, foi a “observação participante” desenvolvida entre o Movimento da Escola Moderna (MEM) que constituiu um dos epicentros do nosso estudo. Durante algum tempo, fomos frequentadores assíduos dos espaços físicos que o MEM possui em Lisboa e Setúbal, respetivamente, na sede nacional e uma das suas sedes regionais.

As atividades que fomos desenvolvendo como observador participante foram as seguintes: consulta dos arquivos, análise e registo de documentos vários e de revistas do MEM, conversas em jeito de entrevista, nomeadamente com Sérgio Niza, um dos fundadores do Movimento, participação nos “Sábados Pedagógicos”, onde decorrem as ações de formação pedagógica dos seus elementos, ou melhor, de autoformação entre pares, já que é disso que se trata.

O Movimento da Escola Moderna, como sabemos, nasceu a partir do Movimento da “Escola Nova”, mais concretamente quando Freinet, em rotura ideológica com esse Movimento, acaba por delinear novos ideais pedagógicos que já não lhe cabiam. Preconizava uma escola menos elitista, mais popular, que pudesse promover a educação de todas as camadas sociais,

sobretudo, das mais frágeis, onde a integração social e o mundo do trabalho pudessem ter ampla representatividade. Os princípios socialistas da Revolução Russa acabaram por influenciá-lo de forma determinante e a visita que fez a esse país contribuiu decisivamente para as suas novas propostas pedagógicas.

Nesta nossa investigação, como referimos atrás, para além do Movimento da Escola Moderna, queríamos estudar também o Movimento da Escola Nova e, nesta parte da investigação, juntámos à observação participante uma linha analítica de tipo mais conceptual assente na hermenêutica, uma prática metodológica utilizada, sobretudo, pelas ciências documentais como são o caso da Filosofia, da História e da Literatura. A Hermenêutica, que se define pela interpretação de textos, deve desenvolver-se a partir de um abrangente levantamento bibliográfico e sólida contextualização teórica.

Embora se tenha verificado alguma continuidade na nossa investigação entre Mestrado e Doutoramento, acabámos por mudar o fulcro científico do nosso estudo das Ciências da Educação para a Filosofia da Educação, mas mantivemos aberta, na investigação, a componente pedagógica. Foi assim que, à orientação em Filosofia da Educação, juntámos uma coorientação na área da Pedagogia.

Quanto ao objeto de estudo, acabámos por centrar a nossa investigação no pensamento filosófico de um Professor que desenvolveu larga militância nos ideais de inovação pedagógica em Portugal, sobretudo, no Movimento da “Educação Nova”. Referimo-nos ao Professor Agostinho da Silva, figura ímpar da cultura portuguesa e brasileira do século passado que, todavia, acabaria por desenvolver propostas educacionais próprias, de muito interesse para nós. Agostinho da Silva que, dado o espírito libertário, vanguardista, acabaria por ser expulso do ensino em Portugal pelo governo de Salazar, tendo de procurar refúgio no Brasil durante largos anos da sua vida, onde acabaria por obter dupla nacionalidade. Foi o Brasil quem ficou a ganhar. Ali lecionou em várias Faculdades e foi cofundador de várias Universidades, de norte a sul do Brasil, tal como de vários Centros de Estudos de reconhecido valor, particularmente, na Universidade Federal da Bahia e na Universidade de Brasília. Acabaria por chegar a assessor para a política externa do presidente do Brasil Jânio Quadros. A partir de 1969, data do seu regresso a Portugal, a imensa e extraordinária obra haveria de se prolongar por cá. E é essa obra, fundamental para o futuro de Portugal, que temos vindo a estudar.

### **Agostinho da Silva e a Educação de Portugal**

Depois de ter sido expulso do Liceu Nacional de Aveiro, em 1935, por se ter recusado a assinar a Lei Cabral, Agostinho da Silva continua, no entanto, a sua missão educativa, embora desligado do ensino formal. Explicações, palestras, publicações passam a ser atividades, mais ou menos, permanentes. É nesta altura que começa a publicar os “Cadernos de Informação Cultural”, subordinados a variadíssimas temáticas, onde vão surgir a compilação de biografias de grandes

autores, muitos deles ligados à educação, sobretudo, ao Movimento Internacional Pedagógico da “Escola Nova”. Este Movimento pedagógico, que aparece no final do século XIX, depois das experiências precursoras de Rousseau e de dois dos mais fervorosos continuadores das suas ideias, Pestalozzi e Tolstoi, acaba por se consolidar entre as décadas de 20 e 30, do século XX. É na “Educação Nova” que radicam os princípios pedagógicos com que Agostinho da Silva parte para a proposta do seu projeto de educação de Portugal, ideias que ele desenvolve, justamente, no livro intitulado *Educação de Portugal*, pouco tempo depois de ter regressado definitivamente a Portugal, vindo do Brasil.

### **Um adepto da “Educação Nova”**

Agostinho da Silva deixa o Brasil em 1969. Regressado a Portugal, vai retomar a obra que tinha vindo a desenvolver sobre Pedagogia, dando particular destaque às ideias da “Escola Nova”, corrente pela qual sempre revelou muita simpatia. Ele que, nas décadas de 30 e 40, até ir para o Brasil, tinha estado ao lado da resistência deste movimento ao Estado Novo, de novo sem recuar perante a política conservadora que o tinha expulso do país, vai escrever “Educação de Portugal”, em 1970, um livro onde recupera alguns dos ideais daquele movimento pedagógico, livro que, no entanto, por falta de editor, só viria a ser publicado em 1989.

Durante os dois anos seguintes, 1971 e 1972, vai coordenar e escrever temas sobre educação na revista *Vida Mundial*, retomando a temática da “Escola Nova” revelando o autor, mais uma vez, uma certa simpatia por esse Movimento.

Num dos números dessa revista, com o título “Fontes e Pontes do Futuro” e subtítulo “Escola Nova”, dizia Agostinho da Silva que,

A Escola Nova, definindo uma época nova de actividades educacionais, não tem como centro um professor que sabe e ensina, mas um grupo em que todos aprendem e, tendo aprendido, ensinam; não se limita a uma determinada idade, antes se alarga à vida inteira; desaba as paredes que a separam da vida, não funcionando separada dos trabalhos industriais ou dos campos. Esta Escola Nova que está vindo em números cada vez maiores depois das tentativas isoladas de um Pestalozzi, de um Tolstoi, de um Sanderson, de um Neil, a demonstrar que a marca real do homem é o seu espírito de criatividade na ciência ou na política, no sonho ou na arte, na religião ou na técnica. (Silva, 1972, p. 48)

Em “Educação de Portugal”, Agostinho da Silva propõe-se pensar num projeto educacional para Portugal, crítico do que então vigorava, participando por iniciativa própria no movimento reformista que se tinha instalado no país, num período que ficou historicamente conhecido como “Primavera Marcelista” que correspondeu à entrada de Marcelo Caetano na chefia do governo do país.

Atente-se que o conceito de educação é aqui tomado de uma forma ampla, sendo tanto do domínio da educação formal ou não formal, escolar ou extraescolar.

Dois grandes princípios estruturais enunciam o ponto de partida desta sua proposta educacional:

1) Nascermos e crescermos “estrelas de ímpar brilho, sem que o mundo em nada nos melhore”, o que significa afirmar o valor primordial da natureza face à cultura e um profundo sentimento humanista com a filiação do homem diretamente numa natureza que é simultaneamente bela e divina.

2) Cada homem vale, sobretudo, por si próprio e cada um terá de desbravar o seu próprio desenvolvimento interior. Neste sentido, a educação deve ser pensada como um processo mais de orientação do que de ensino, mais de acompanhamento e ajuda do que propriamente de fornecimento de ideias ou palavras despejadas sobre o educando.

Citando Agostinho,

Acreditando, pois, que o homem nasce bom, o que significa para mim que nasce irmão do mundo, não seu dono e destruidor, penso que a educação, em todos os seus níveis, formas e processos não tem sido mais que o sistema pelo qual esta fraternidade se transforma em domínio. (idem, 1980, p.8)

O princípio fundamental de que se parte é que a natureza da criança é preferível à natureza do adulto e, portanto, deve ser essa a natureza a ser potenciada. Por conseguinte, a educação deve consistir num processo de livre florescimento da criança e não da substituição da maneira natural de ser da criança por “uma natureza adulta”.

A crítica que aqui está implícita é a de que no tradicional sistema educativo, aos poucos, se vai destruindo a criança, a sua espontaneidade, o livre viver, que nasce em cada um de nós e que, ao contrário, deverá ser na preservação dessa “natureza da criança” que se deverá partir para a construção do futuro.

Citando o Professor,

Resumindo, diria pensar que a natureza humana, mais do que boa é excelente; que a sociedade e nela a educação, ajudando o homem a sobreviver, o tem limitado, e muito, no melhor, que é o seu ser livre; mas que o pior passou e que todo o sofrimento e toda a treva serão apenas pesadelos finalmente em paz e luz desfeitos. (id., ibid., p.12)

É enorme, pois, o otimismo com que Agostinho da Silva parte para o desenvolvimento da sua proposta de projeto educacional para o país. Recorrendo à insubstituível prosa de Agostinho da Silva:

O reino que virá é o reino daqueles que foram crucificados em todas as épocas, por todas as políticas e por todas as ideologias, apenas porque acima de tudo amavam a liberdade (...); o reino daquele Deus que viam definindo-se fundamentalmente por não obedecer a nada e a ninguém senão à sua divina natureza; e o reino que desejam para homens que não sintam obrigação alguma que não seja a de se aproximarem quanto possível da divindade de ser livre, livre no viver, livre no saber, livre no criar. (id., *ibid*, p. 93)

### **O culto popular do Espírito Santo**

É no culto popular do Espírito Santo, onde Agostinho da Silva situa o nível mais alto vivido pela cultura portuguesa sendo, por isso, que nele devemos buscar inspiração. O início das comemorações deste Culto remonta ao reinado de D. Dinis, século XIII, tendo perdido dimensão a partir do século XVI. Hoje, ainda se pratica nalguns lugares do continente, mas é sobretudo nos Açores, nalguns estados do Brasil e comunidades de emigrantes nos EUA que se organizam estas festividades.

Culto, onde se pretende que a fraternidade cristã não seja uma palavra vã, mas antes que ganhe expressão numa economia que não se caracterize por um existir concorrencial para o “desenrasque” de apenas uns quantos, mas que se destine a servir todos.

Economia que não tenha a sua expressão máxima no mundo do trabalho que escraviza os homens enquanto subordinados produtores, mas antes no tempo livre e na criatividade absoluta, sendo que o caminho se deve fazer em direção a uma produção automática dos bens, como já vem prometendo o grande desenvolvimento tecnológico das últimas décadas e onde a propriedade privada, para bem de uns poucos, deverá ser substituída pela propriedade coletiva, para bem de todos.

A utopia é a de que o desenvolvimento tecnológico possa libertar o homem o mais possível da escravidão do trabalho. No entanto, o ponto fundamental da prática do culto popular do Espírito Santo é a coroação de uma criança como Imperador do mundo, libertando, simbolicamente, os adultos das funções dirigentes que, antes, deverão ficar entregues à meninice que existe em cada um de nós.

Nas palavras de Agostinho,

(...) declara-se que todos os Imperadores de qualquer Império declarado Santo pela vontade, os interesses e os apetites dos homens, devem ceder seu trono às características infantis de atenção contínua à vida, de existência total no presente, de ignorância de códigos, manuais e fronteiras, de integração no sonho, de valorização do jogo sobre o trabalho, de simpatia pela cigarra, que logo a nossa escola substitui pelo aplauso à formiga, já que (a primeira) convém à alegria, apenas, e a outra ao lucro. (idem, 2000, vol. II, p.104)

São estas as premissas onde assentam os seus ideais educativos. É um projeto educativo, portanto assente em bases religiosas, o que Portugal tem de dar ao mundo. Mas, atente-se, de uma religião que estende a mão a todas as outras, alargando-se mesmo a ateus e agnósticos, desde que respeitem todas as religiões como se de suas se tratasse.

Nesta interação religiosa, o mais importante de tudo é a forma como se terá de potenciar a organização social para o bem de todos e para a vigilância da paz, princípio primordial de um Império de Servir, sabendo que num Império do Espírito tem menos importância aquele que manda do que aquele que serve.

Portanto, os valores que se perfilam no horizonte neste Projeto da Educação de Portugal são os da liberdade, da justa distribuição económica, de uma coexistência pacífica entre os povos e as religiões, assim como o espírito da criança como o maior bem do mundo.

Nos últimos séculos da nossa história, pouco se tem feito por este Império do Espírito, a não ser a fé que alguns têm manifestado, “o Espírito, porém, nos vai chamar agora”. (id., ibid., p.116)

A missão dos mais esclarecidos é, então, a de educar o povo a partir dos valores referenciados, mas sabendo que educar não é levar ninguém a ser isto ou aquilo, mas criar as condições para que as pessoas se vão desenvolvendo a partir daquilo que mais lhes convém interiormente.

### **Concluindo**

Com Agostinho da Silva, atravessamos a construção de uma utopia plena de encantos. Com ele, desenrola-se toda uma filosofia que é sustentada, sobretudo, por uma fé de eternidade, embora inspirada por uma vasta cultura científica. Um lugar onde utopia e poesia, ciência e religião encontram lugar de ancoramento.

Agostinho da Silva critica de forma sólida e substanciada o funcionamento das escolas tradicionais desenvolvido durante o Estado Novo e propõe qual deverá ser o espírito de uma nova escola.

Assim, à valorização da natureza da criança e à prática de uma educação pela liberdade, princípios filosóficos que Agostinho da Silva sempre defenderá, vão-se juntar determinantes religiosas, universais, que fazem com que a educação de Portugal seja, ao mesmo tempo, a educação de todos os mundos.

Agostinho da Silva defende que qualquer teoria de educação terá de nascer de um pensamento filosófico teologicamente fundado. Quer dizer, a sua visão do mundo defende a consecução de uma ação fraterna entre os homens que, através da livre criatividade da pessoa, permita a divinização do mundo. À frente das múltiplas referências ao divino sempre aparece referenciado o culto popular do espírito santo, tal como se desenvolveu em Portugal e se foi espalhando pelo mundo da Língua Portuguesa.

É, pois, no culto popular do Espírito Santo onde radicam com mais força as suas ideias religiosas, misturadas com as profecias quinto-imperiais de Padre António Vieira e de Fernando Pessoa, dando-se aqui continuidade a um espírito messiânico do destino português.

Mas, para o nosso autor, mais do que Portugal, é a Língua Portuguesa que constitui o seu principal referencial, e todos os países onde ela se fala, tal como às inúmeras comunidades de emigrantes espalhadas pelo mundo. Acentue-se que Agostinho da Silva foi um dos precursores da proposta de um projeto lusófono que juntasse países e comunidades de Língua Portuguesa, ideia que, como sabemos, em certa medida, acabou por se consolidar em 1996 com a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Agostinho, porém, não se fica exclusivamente pela referência à importância que a Língua Portuguesa terá para o mundo e acrescenta que, como ela é irmã do Castelhana, Galego, Andaluz, Catalão, e até do Basco, há que partir para uma Confederação Ibérica, que partilhe objetivos comuns dando, assim, maiores possibilidades ao Projeto.

Importa, então, organizar o processo educativo para que a utopia se generalize e o Projeto ganhe uma real dimensão prática, onde tudo se direcionará para que a ato de educar consiga preservar a criança que conosco um dia nasceu, porque o mundo em nada, nunca, suplantará o Espírito dessa natureza que um dia encarnou.

### **Referências bibliográficas**

Briosa e Mota, H. M., Carvalho, M. L. S. (1996). *Uma introdução ao pensamento pedagógico de Agostinho da Silva*. Lisboa: Hugin.

Figueira, M. H. (2001). *Um Roteiro da Educação Nova em Portugal*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Nóvoa, A. (1995). "Uma educação que se diz "Nova" in A. Candeias *et al.*, *Sobre a Educação Nova: Cartas de Adolfo de Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*. Lisboa: Educa, pp. 25-41.

Santos, L. (2003). *A Educação Nova, a Escola Moderna e a Construção da Pessoa*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Documento Policopiado.

Silva, A. (2000). *Textos Pedagógicos*. Lisboa: Âncora, 2 vols.

Silva, A. (1999). *Textos e Ensaios Filosóficos*. Lisboa: Âncora, 2 vols.

Silva, A. (1996). *Namorando o Amanhã*. Alhos Vedros: Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros.

Silva, A., (1980). *Educação de Portugal*. Lisboa: Ulmeiro.

Silva, A, (1972). “Fontes e Pontes do Futuro. Escola Nova”. *Vida Mundial*. 2 de Junho, pp. 48-49.